

ADAPTANDO O PROJETO DE FOTOGRAFIA COM BASE NAS REDES SOCIAIS: UM RELATO NO ENSINO FUNDAMENTAL 2

Luisa Ferreira Gusi / USP

RESUMO

A experiência relatada ocorreu durante aulas de Arte numa escola particular de São Paulo, com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental. Compararam-se as atividades docentes realizadas nos anos de 2017 e 2019, contrastando-as. O foco é no projeto com fotografia, com os alunos usando o seu próprio aparelho celular ou *tablet*. Fizeram-se citações a autores do campo do ensino de arte, como Albano, Barbosa e Porcher, e do campo da fotografia, como Gisi. Depois de dificuldades em relação à entrega de atividades por parte dos alunos a professora-pesquisadora decidiu usar uma rede social como parte integral do trabalho. Finaliza-se com a reflexão que o docente deve se preocupar em entender como de fato o seu educando lida com assuntos contemporâneos como a tecnologia, a internet e as redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Básica; Ensino de Arte; Fotografia.

Introdução

Este trabalho relata uma experiência desenvolvida por uma professora-pesquisadora que leciona a disciplina de Arte em uma escola particular de São Paulo desde 2017. As experiências foram realizadas com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, com idades entre 13 e 14 anos. Foram comparados dois bimestres escolares, um de 2017 e outro de 2019, com o objetivo de averiguar o uso da fotografia como exploração artística durante as aulas. Neste intervalo de dois anos, houve mudanças de planejamento, principalmente quanto à incorporação de trabalho com redes sociais. Com a popularização dos *smartphones* com câmera fotográfica, fez-se necessário aprender a usar esse instrumento, tanto no seu aspecto técnico quanto no educativo. As escolas estão cada vez mais engajadas no uso de tecnologias educacionais, mas nem sempre tal função básica de *smartphones* e *tablets* é levada em consideração nas atividades educativas. O ensino de Arte não pode se limitar a

princípios estéticos das belas-artes; além de trabalhar com linguagens e obras contemporâneas, o arte-educador precisa se preocupar com o modo que o seu aluno interage com as artes.

Bases Teóricas

O ensino de arte é um dos meios que a educação formal possui para livrar os alunos da alienação. Os campos de conhecimentos artísticos, como as Artes Visuais, possuem saberes necessários para que os estudantes do ensino básico adquiram os processos cognitivos suficientes para pensar criticamente sobre o meio em que estão inseridos.

A livre auto expressão constitui, como se sabe, um dos objetivos essenciais das atividades de formação da personalidade. O conjunto de disciplinas artísticas torna-se, desse modo, um espaço exemplar no qual se constrói o progressivo domínio dos meios dessa expressão. [...] Finalmente, o ensino artístico visa dar às crianças os meios de se tornarem sensíveis à obra de arte. Em outras palavras, trata-se de tornar cada aluno apto a receber a *mensagem* das obras de arte (PORCHER, 1982, p. 15-16; grifo no original).

Assim, ensinar técnicas de produção artística não é um fim em si, mas tem propósito como instrumento intelectual. A história da arte não deve ser pensada como uma série de informações a serem decoradas, mas como um meio de saber como artistas ao longo das eras interpretaram sua sociedade. As teorias da arte, então, são para se ler melhor a cultura visual de sua sociedade, com a intenção de “ampliar o âmbito e a qualidade da experiência estética visual” (LANIER, 1984, p. 46).

Os alunos da contemporaneidade já se inserem numa cultura visual saturada graças à televisão e à *internet*, mas não sabem interpretar completamente o que percebem através dos olhos; portanto, o dever do professor é ensinar como utilizar a visão de forma crítica, decodificando o mundo ao seu redor. O que o educador em Arte precisa pensar é em como relacionar o seu próprio conhecimento, adquirido na formação superior, com “vivências que possibilitem aos alunos reverem e ressignificarem sua relação com a arte” (ALBANO, 2010, p. 27), usando exemplos de seu cotidiano e linguagem compreensível, sem perder o foco de que a função da educação é expandir os horizontes dos educandos.

Tratando-se especificamente da fotografia, verificamos que:

A fotografia como um dispositivo de produção de imagens descartáveis, ordinárias em seu trânsito pelo mundo comum, é fruto de uma técnica popularizada e, nesse momento, disponível como

algo suficientemente automático para ser manipulado por qualquer pessoa (GISI, 2015, p.238).

Nessa citação, a autora se refere ao crescimento da fotografia no campo das Artes, seja como obra ou como documento, durante os anos 1960. Sessenta anos depois, como afirmado na Introdução deste texto, câmeras são mais comuns e populares. Mesmo considerando apenas aplicativos para celulares, há várias possibilidades para edição de fotos. Portanto, usar a técnica fotográfica em sala de aula possibilita ao professor demonstrar concretamente como elementos de visualidade estudados desde a Renascença – como a perspectiva e a teoria da cor – ainda são úteis para criar imagens.

Relato de Experiência

Câmeras são objetos comuns atualmente. Mesmo celulares mais simples possuem uma câmera fotográfica. Usando um objeto do cotidiano em sala, o professor tem mais opções de discussão e contextualização.

O fazer arte exige contextualização, a qual é conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto. (BARBOSA, 2012, p. XXXIII.)

Uma contextualização significativa ocorre durante todo o trabalho: na motivação, na discussão, na produção e na avaliação. Durante o momento de introdução do trabalho, o professor pode perguntar quem se considera um bom ou mau fotógrafo, o porquê de tal opinião e como alguém pode definir a beleza de uma fotografia. Com as redes sociais, é comum que os alunos digam que uma boa foto é “uma foto com muitos *likes*”.

No planejamento de 2017, o projeto de fotografia realizou-se com os alunos ao longo do segundo bimestre, com cinco trabalhos pequenos, acanhados em porcentual da nota para o boletim, e um trabalho grande como fechamento de bimestre. As atividades menores eram experimentações semanais relativas a aspectos visuais ou técnicos da fotografia: uma atividade focada em composição visual; uma usando luz artificial e sombra; outra deveria ser uma foto em preto e branco; uma experimentação usando edição básica de fotos, em relação à saturação de cores; e a última com relação à velocidade do obturador e abstração na fotografia. Semanalmente, cada aluno deveria enviar por *e-mail* suas imagens à professora. O trabalho final era um álbum conceitual – como a exemplo de Cindy Sherman – individual, com fotos impressas e unidas com folha sulfite em formato de livreto. Tal planejamento foi eficiente no sentido de que os alunos enviaram as suas fotografias

à professora, seguindo as diretrizes impostas. Mas foi um trabalho indiferente, tanto para eles quanto para a educadora. Não havia desafios; nenhum desafio relacionado às fotos propriamente, na verdade.

É comum ouvir as gerações mais velhas dizendo que os jovens de hoje já nascem sabendo usar o computador, porém tal noção ignora como de fato as gerações que estão ingressando na escola atualmente usam essa ferramenta. Poucos alunos têm um *e-mail* usado para comunicação; eles entendem o *e-mail* apenas como um meio para criar uma conta numa rede social ou em algum jogo. Assim, eles têm seu endereço eletrônico, porém só o usam para receber informações, não sabendo como enviar uma mensagem. Mesmo aqueles discentes que sabem como enviar mensagens podem não saber como anexar um documento – no caso, a fotografia. É necessário investigar o que os alunos já sabem fazer, e, a partir disso, o docente deve adaptar o seu planejamento.

Por esse motivo, em 2019, no final do bimestre anterior ao projeto de fotografia, a professora-pesquisadora decidiu realizar uma enquete com a turma, incluindo a pergunta “Como vocês querem enviar as fotos para a professora?”. Os alunos escolheram enviar via rede social. Com isso, as atividades menores continuaram as mesmas – experimento com composição; luz e sombra; preto e branco; saturação; velocidade do obturador – mas os alunos enviavam já no mesmo dia da aula, usando o recurso de mensagem direta da rede social. O trabalho final mudou totalmente: em grupos de duas a três pessoas, os alunos deveriam criar um perfil na rede social escolhida, o *Instagram*, onde deveriam fazer o *upload* das fotos do projeto – por questões de segurança e privacidade, não era permitido incluir rostos ou nomes de alunos.

Não houve uma diferença estética entre as fotos de 2017 e as de 2019, ou, não houve uma mudança significativa ou uma melhora na qualidade estética, de modo geral. A mudança ocorreu no aproveitamento durante as aulas, pois não houve passividade. Em 2019, ocorreram mais experimentações, seja pela própria rede proporcionar uma edição de fotos simples ou uso de filtros e outros recursos. Comparando os dois anos trabalhados, na perspectiva artística ou fotográfica, não tiveram grandes modificações, mas houve uma transformação na atitude dos alunos. Houve mudança para melhor no que diz respeito à autonomia dos discentes e à entrega dos trabalhos. Apresentaremos dois exemplos a seguir.

Na **Figura 1** percebe-se a criatividade em local aberto.



Figura 1. Brinquedo em formato de cogumelo posicionado em *playground* de madeira. Fotografia realizada por um aluno, 2017, dos arquivos da professora-pesquisadora. Tema: saturação.

Na **Figura 2** percebe-se a criatividade em local fechado.



Figura 2. Conjunto de pincéis desordenados dentro de um pote. Fotografia realizada por um aluno, 2019, dos arquivos da professora-pesquisadora. Tema: preto e branco.

Considerações Finais

O ditado popular afirma que “a prática leva à perfeição”. O planejamento para o projeto de fotografia ainda não é perfeito. A cada ano ele deve ser refeito. Pode ser

que haja ainda outra rede social com um paradigma diferente para o que é uma “boa” foto, ou talvez as próximas turmas não queiram usar meios digitais e prefiram produzir fotos mais próximas às belas-artes. Talvez o conceito de *pin hole* possa ser incluído no futuro, principalmente para que os conceitos de luz, de exposição e a função do obturador fiquem mais concretos e claros. O mais importante dessas mudanças num intervalo curto, de 2017 a 2019, é que se percebeu que esse projeto é um momento em que a relação professora–aluno é a mais horizontal dentre todas as atividades da aula de Arte. Isso faz com que eles fiquem mais entusiasmados com o que acontecerá ao longo do bimestre.

Referências

ALBANO, A. Arte e Pedagogia: além dos territórios demarcados. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 26-39, jan.-abr. 2010.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino de arte**: anos 1980 e novos tempos. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva: 2012.

CHRISTOV, L. Sobre a palavra criatividade: o que nos levam a pensar Piaget e Vigotski. 2006. In: CHRISTOV, L.; MATTOS, S. (Orgs.). **Arte Educação**: experiências, questões e possibilidades. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.

GISI, J. **60/70**: as fotografias, os artistas e seus discursos. Curitiba: Juliana Gisi, Martins de Almeida, 2015.

LANIER, V. Devolvendo Arte à Arte-educação. In: **Revista Ar'te**. São Paulo, Editora Max Limonad, n.11, 1984, pág. 4-8.

PORCHER, L. **Educação Artística**: Luxo ou Necessidade. São Paulo: Summus, 1982.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

Luisa Ferreira Gusi

Professora da educação básica com experiência em sala de aula desde a educação infantil até o ensino médio. Normalista, licenciada em Artes Visuais (UFPR), licenciada em História (PUC/PR) e atualmente mestranda em Ciência da Informação (USP). Contato: luisa.gusi@gmail.com.